

O INÍCIO DE UMA JORNADA - DO INGRESSO AO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA AO PIBID DA UFPEL

**JULIANA ALVES SABALLA¹; ANDRESSA BENTO²; AURELIA VALESCA³; BRUNO
PASTORIZA⁴; FÁBIO SANGIOGO⁵**

¹*Universidade Federal de Pelotas, CCQFA, LABEQ – saballa.juliana@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas, CCQFA, LABEQ –andressasoaresbto@gmail.com*

³*Mestre, Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello, lelatiti@yahoo.com.br*

⁴*Universidade Federal de Pelotas, CCQFA, LABEQ, bspastoriza@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas, CCQFA, LABEQ, fabiosangiogo@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Notando o baixo interesse na licenciatura, nós, autoras deste relato, como calouras do curso de Licenciatura em Química, nos sentimos receosas com nossa escolha. Talvez pela baixa valorização da categoria, ou também por saber que no ensino básico ainda há um grande desinteresse pelas ciências da natureza (OLIVEIRA, 2010). Contudo, presenciando o funcionamento da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), o currículo do curso e a motivação vinda dos orientadores e toda a equipe que constitui as disciplinas da Química Licenciatura, nos sentimos mais seguras diante de tantas dúvidas.

Como já é de conhecimento de muitos sujeitos que constituem a comunidade universitária, os calouros são muito perdidos, tudo é novo e duvidoso. Com medo de não conseguir alcançar a aprovação e ser regular nas disciplinas, muitos ignoram as oportunidades de estar se engajando nos projetos oferecidos pela a instituição. Contudo, quando tivemos conhecimento do edital de seleção para bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência), buscamos nos informar como e qual era o objetivo do programa, vimos que este busca a aproximação dos licenciandos com os educandos e instituições de ensino, assim como planejamento de oficinas, ajudando na aprendizagem de planejamentos adequados de aulas ou atividades para o Ensino Médio, influenciando na experiência para o estágio e o futuro profissional.

Tendo em vista que somos graduandas de um curso de licenciatura, prontamente nos inscrevemos para as entrevistas. No início da entrevista notamos o quão nervosas estávamos, contudo, começamos a entrar em uma zona de conforto, nos sentindo aptas a ocupar aquelas vagas em que teríamos a oportunidade de ampliar nosso conhecimento, tanto em pesquisa, planejamento e experiência com os educandos.

Algum tempo depois, nosso professor nos comunica que devemos assumir nossas bolsas que foram disponibilizadas pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), e que então o trabalho iria começar. Era um momento de ansiedade para nós, pois finalmente iríamos estar no lugar que tanto almejamos.

Em nossa primeira reunião ficamos meio perdidas, muitas informações, novidades e trabalhos a cumprir. Logo fomos designadas a desenvolver atividades, leitura de artigos entre outras tarefas.

Muito próximo a nossa chegada, iria ocorrer a oficina “Você sabe o que está comendo?”, e esta foi a nossa primeira experiência com os educandos. Assim, neste texto estaremos abordando sobre esta experiência, bem como, relatando os encantos da licenciatura, trazendo nossos sentimentos durante o desenvolvimento desta oficina, que nos proporcionou o primeiro contato com os educandos.

A oficina já havia sido organizada e elaborada pelos demais pibidianos do grupo PIBID Química, logo após leitura do planejamento e também conversação com os colegas, notamos que estávamos familiarizadas com a oficina, a qual estava organizada para ocorrer em etapas diferentes. Primeiramente os educandos iriam ter uma explicação breve da oficina, logo seriam designados para etapa de análise sensorial gustativa, análise visual, confecção de cardápio, mercado e por fim, discussão de tabelas nutricionais e rótulos.

A oficina ocorreu na Escola Municipal Pelotense, onde ajudamos na organização e planejamento. Conforme desenvolvia a oficina, fomos notando que cada vez mais estávamos criando vínculo com a relação professor-aluno. A experiência com o educando pode ter diferentes direções, na qual, pode haver ricas experiências para ambas as partes (GUIMARÃES; 2013) e, logo, notamos o quanto satisfatória é a docência.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da oficina o grupo de pibidianos Química se organizou em micro grupos, nos quais cada um ficou responsável por desenvolver, estudar e arrecadar os materiais que estariam compondo a oficina, como, rótulos, informações nutricionais, alimentos sem lactose e glúten, light e diet, transgênicos, assim como a confecção dos preços, fichas avaliativas, separação das embalagens de alimentos, entre outros materiais que seriam necessários para a oficina.

No dia da realização da oficina, ao chegar na Escola Municipal Pelotense, muito ansiosas, começamos então a organizar as salas de aula. Conforme constava em nosso planejamento, utilizamos duas salas de aula para a melhor distribuição das atividades. Uma das salas teve seu uso destinado ao desenvolvimento da apresentação da oficina, do mercado e da discussão sobre alimentos. Já a outra sala de aula, teve seu espaço utilizado para a análise gustativa olfativa e análise visual.

Quando os educandos começaram a entrar na sala de aula, e a cada aluno que entrava, ficávamos mais nervosas ainda, pois seria o nosso primeiro contato com eles. Imaginamos que poderíamos ficar nervosas demais para interagir com os educandos, que talvez não lembraríamos o que tínhamos que explicar, ou mesmo que aquela exposição de todos prestando atenção quando nós falávamos iria nos proporcionar uma sensação de desconforto. Felizmente, não foi o que ocorreu, pois nos sentimos muito confortáveis naquela situação, sentimos que realmente, estávamos no caminho certo. A partir disso, buscamos observar o máximo possível as atitudes e personalidade deles. Ao ver eles sentados, nos olhando, esperando as orientações, ficávamos cada vez mais ansiosas para começar nossa atividade com eles.

No primeiro momento, dividimos os educandos em duplas, nais quais os vendamos para entrar na sala de aula. Cada uma de nós ficou com uma dupla, enquanto os demais integrantes do PIBID Química colocavam em copinhos de café tipos diferentes de arroz, leite, café e refrigerante.

Enquanto esperávamos, mesmo com os educandos vendados, começamos a conversar com eles e a conhecer melhor quem estava conosco naquele momento. Começamos então a sentir a confiança dos mesmos, conforme eles iam degustando as amostras, iam fazendo suas observações, algumas muito engraçadas. No fim da degustação de cada item eles tinham que escolher qual mais gostaram, por exemplo, se seria o arroz integral, parboilizado ou normal; café passado ou solúvel; leite integral, desnatado ou semidesnatado coca-cola normal, zero açúcar ou stévia.

Conforme eles escolhiam os alimentos, anotava-se tudo em fichas que já haviam sido elaboradas, seguindo um padrão, para que todos os monitores tivessem as mesmas perguntas disponíveis. Posterior à degustação, os educandos anotaram em uma folha quais os tipos de alimentos que compõem o seu cotidiano, a partir da qual, montaram seu cardápio, contendo café da manhã, almoço, café da tarde, lanche e jantar.

Em seguida foram para a simulação de um mercado, em que estudantes compravam os itens da lista. Eles tiveram a sua disposição variadas marcas e tipos do mesmo alimento. Conforme faziam suas compras, alguns pibidianos questionavam os motivos para a compra de alguma marca ou tipo de alimento, por exemplo, se eles levavam em consideração o fato de um alimento ser considerado mais saudável do que outro, o que permite identificar os seus critérios de escolha para a compra de um determinado alimento.

Enquanto os educandos estavam fazendo suas compras, nós estávamos observando. Quanto mais a oficina se desenvolvia, mais encantadas ficávamos em poder estar ali vivenciando e tendo contato com os educandos. Por fim, foi feita uma conversa com os educandos, com explicação em relação aos rótulos e às informações nutricionais, na qual conseguimos fazer com que eles interagissem com os pibidianos, trazendo suas dúvidas e conhecimentos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme discutimos com os educandos sobre as informações nutricionais, rótulos e tipos diferente de alimentos, pode-se notar que eles não costumam analisar rótulos e não sabiam diferenciar entre as diversas variedades de um mesmo alimento. Ao fim da oficina, pudemos observar que os educandos costumam comprar não pelo seu gosto, pois analisando as fichas preenchidas durante a atividade, notamos que muitos, na análise gustativa, ressaltaram um tipo de arroz, como por exemplo o arroz parboilizado, já na ficha do mercado os mesmos colocaram arroz normal. Conforme relatos e registros da oficina, percebeu-se que geralmente os educandos costumam fazer suas escolhas e compras pelo o que sua família tem costume de comprar, sem ao menos analisar rótulos, informações nutricionais e tipo de alimento.

Ao mesmo tempo em que estávamos explicando cada conceito aos educandos, fazíamos alguns questionamentos para que os mesmos fizessem suas perguntas e participassem de nossa explicação, trazendo também o seu conhecimento para ajudar na contextualização do tema que estava sendo abordado. Conforme íamos instigando eles com perguntas, ficávamos cada vez mais contentes com a participação dos mesmos, buscamos analisar e proporcionar o máximo de atenção possível para a fala de cada um. As atividades permitiram a busca de experiência profissional, pois buscamos a cada novo momento adquirir mais conhecimentos para

futuras atividades ou oficinas, o que possibilita que estejamos ainda mais preparadas para o universo de sentimentos que acontece quando estamos interagindo com os alunos. Também acreditamos que um professor possa sempre estar se atualizando, conseguindo ajudar seus alunos positivamente, trazendo suas vivências em meio social e transformando em ciência (MALDANER; 1999).

4. CONCLUSÕES

Por fim, notamos que muitas vezes os educandos sentem falta de informação e conhecimento sobre os alimentos e seus rótulos, pois muitos nem sequer sabiam identificar dados simples de um alimento. Entretanto, com essa oficina, aprendemos a reconhecer a importância do processo de ensino e de aprendizagem, ainda que a parte mais interessante da experiência foi perceber que há um ano atrás, os alunos no processo de aprendizagem éramos nós, e, agora, nesse dia, entramos com um outro papel na sala de aula, com a tarefa de aprender, mas também de ensinar. O convívio e a conversa com eles nos proporcionou um sentimento de realização, pois desde que começamos a trabalhar em conjunto com os pibidianos mais experientes já estávamos apreensivas sobre como seria o funcionamento da oficina, pensando em como poderíamos ser úteis, e auxiliando o máximo possível para tudo ocorrer como o desejado no dia.

Ao decorrer do tempo não paramos para pensar que esse seria o nosso primeiro contato com os alunos, que já no início da graduação, da tão sonhada licenciatura, teríamos contato direto com educandos. Ao chegar o dia, estávamos confiantes do que havíamos estudado e praticamente não houve tempo para nervosismo decorrente do que tínhamos que organizar, entretanto, quando terminamos a organização, e os alunos começaram a adentrar a sala, o nervosismo tomou conta. Na escola, quando vimos que não estávamos sozinhas, tudo ficou mais confortável, cremos que essa é a parte onde o PIBID auxilia bastante os iniciantes na docência, pois não entramos sozinhos, entramos em grupo, entramos como um “time” disposto a trabalhar em equipe. A partir do momento em que percebemos que nosso grupo estava ali, tudo ficou mais tranquilo, pois sabíamos que haveria alguém para ajudar. Hoje nos sentimos satisfeitas por fazer parte da equipe do PIBID Química, pois só quem vivencia sabe o quão intenso e importante essa experiência é para a nossa formação docente.

5. REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Renato José de. O Ensino das Ciências e a Ética na Escola: Interfaces Possíveis. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v. 4, n. 32, p.227-232, ago. 2010. Acesso em: 25 set. 2017.

GUIMARÃES, Luiz Ernesto. **A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO ENSINO MÉDIO**. Disponível em: <https://goo.gl/FbJWAK> Acesso em: 05 nov. 2013.

MALDANER, O. A. A pesquisa como perspectiva de formação continua do professor de Química. **Química Nova**, Unijuí; v. 22; n 2; p 289- 292; 1999.